

# A IDEA



## ORGAM DO CLUB DOS ESTUDANTES

COMISSÃO REDACTORA: — Azevedo Macedo, G. Costa e Saldanha Sobrinho.

### A IDEA

Curitiba, 5 de Fevereiro de 1889.

#### O journal das crianças

Alguns desses bens importantes e ócos, que vivem por aí a correr impelidos a mocidade com o seu exemplo e com os seus conselhos perfidos, têm desaprovado a atitude indúpudente, franca e decidida que temos assumido diante desses fúntes indignos, dessas ações infames dos homens do presente, dos homens da política, ações a que somos obrigados a presenciar e que provocam a nossa indignação, diante dessa apatia das autoridades peras causas grandes e nobres, que temido até a invadir o unímo da mocidade!

O nosso pensamento quer voar, e querem cortar-nos as asas!

Sonhamos deliciosamente; e esses homens vêm por nós bem pertos dos olhos toda a negrura cruel das sanguiñaria realidade!

O nosso coração palpita nervosamente e querem impedir que expandamos livremente os nossos sentimentos!

O nosso cérebro arde; e querem que occultemos as nossas ideias!

Os moços querem levantar-se contra a infiltração, a baixezas, a apatia esmagadora, a taifada patriotismo e carácter, que predominam desgraçadamente na nossa sociedade; e vêm esses homens importantes, fortificados na sua experiência, dizer-nos:

— Não fazem bem: a mocidade não deve envolver-se nessas questões; são amula crianças, deixai isso para nós, os homens!

Mas, si nos vemos que são tão rafos, rancorosos os homens que têm coragem e independência para clamar contra tudo isso!

Já que os homens não cumprem o seu dever, é preciso que as crianças

le hoje, que serão os bens de amanhã, tornem o seu regar e os anatemizem com a sua eterna salvação, preciso que as crianças ihes dem um balaio.

A nosso ver, um jornal de modos deve ser independente, verdadeiro e justo.

— A *A Idea*, até agora, tem sido assim: profundando o erro; estigmatizando a injustiça e a baixezas; eia nado pela instrucção; pedindo com energia e força, ~~que~~ esses homens que só nos querem dar trevas, com batendo pelo direito sacrostante dessas crianças das escolas; declarando francamente e sem medo, que a Mocidade amea a cada: « a liberdade, é liberdade, e temo palavras suaves somente para as ações dignas, não julgavamos que pudessemos merecer eusura

— E provável, é mesmo muito provável que a presente Comissão reitoral de *A Idea* seja substituída na proxima eleição do Club dos Estudantes

Mas, nós, que somos da escola dos Washington e os Nelson, diremos com a consciência tranquila, ao depor o nosso ato mandaço:

— Contando sómente connosco, cumprimos o nosso dever segundo as nossas forças: defendemos conscientemente a causa, os direitos e as ideias da Mocidade

— E, a esses homens que, com um desam próprio para desanimar, mas que nos encorajam mais, nos chamam o journal das crianças — que better tutto li, dizemos, com consciência e aitiva:

— Na verdade, somos crianças, quanto a nossa idade e gostaríamos quanto que os tratasseis assim, si nisso não viesse um ironia. Mas, talvez que estes a quem chamais crianças sejam mais homens do que muitos de vos!

#### Uma fineza

Fomos agradavelmente surpreendidos com uma amável carta artigo do nosso distinto assinante, o Sr. Francisco Marques. Em um dos nossos numeros passados, demos publicidade a um artigo do Sr. Luiz Cleve, de Guarapuava, e hoje damos a do Sr. Marques, do Porto de Cima.

Sob o peso dos enormes trabalhos de que nos encarregou o Club dos Estudantes, a par de tantas lutas para a publicação e manutenção do nosso jornal, pelo qual sacrificamos grande parte do tempo de que dispomos, e nos muito agradável saber que as nossas lutas, os nossos trabalhos, não tem sido inúteis: — procurando dar ao nosso journal artigos variados e dignos de leitura, vimos, com imenso prazer, ao receber as duas cartas acima referidas, que este periodico tem sido bem aceito, e a prova está no ter ele servido de inspiração a dois bem lancados artigos. Por essa razão, ao reconsiderarmos que esses artigos são filhos do aperto que os seus autores ligam ao nosso periodico, ao reconsiderarmos que eles dão um grande valor a este jornal, seja-nos permitido dizer ao Sr. F. Marques o mesmo que mais cedo dissemos ao Sr. Cleve: — somos agradecidos.

O artigo do Sr. Marques, a quem desde hoje contamos, conjuntamente com o Sr. Luiz Cleve, no numero dos nossos colaboradores, é o seguinte:

— Sob a impressão agradável que me tem causado a leitura do journalinho, orgam do Club dos Estudantes, intitulado *A Idea*, que se publica na capital, lange não da pena para trazar um singelo e despretensioso saudado aquellos moços estudiosos, que, procurando descortinar os benefícios resultados da instrucção — doce emanatio bafejada pelo divino sopro da inteligencia, — marcham corajosamente na senda do progresso e da civilização, abrindo os vastos horizontes de suas justíssimas aspirações.

Si bem que cheio de espinhos, se nos apresente essa ardua tarefa do desenvolvimento do espírito, em que movemos ou excitamos as nossas faculdades psychologicas, ela nos aponta, todavia,

os abençoados frutos de um futuro iluminado pelos reflexos de uma luz esplendorosa.

Offuscou-se de principio as irradiações da luz do entendimento, ante os embategos da luta que emprenhamos, porém, mais tarde, quando, confrontando a com as d'essa infinitude de astros fulgorantes que brilham no espaço ilimitado, observamos a incomensurável grandeza das obras da criação; então, ouvimos ecoar em nossos ouvidos as seguintes palavras que abraçamos como divisa:

Estudar! Estudar sempre!

Nos tempos modernos, bem como naidades passadas, o homem tem exercido sobre todos os outros seres da natureza um predomínio quasi exclusivo, uma vez que foi adoptado de uma razão, que distingue os outros animais.

Despertaram-nos as emoções do sentimento impulsivo pela vibrarão entusiasmada d'esse fenômeno do espírito a que chamamos linguagem, el-o, qual brioso soldado no campo da batalha defendendo os direitos da humanidade, combatendo pela justiça, na ciência, em prol do bem estar da Humanidade.

Avante, pois, digníssimos compatriotas!

Hoje estão a vossa lado as lides pelas quais precedem os primeiros passos da vida; e ultimamente estaiam os louros da victoria coroando os trabalhos da brilhante carreira que encetais.

E, quando poderes dizer: Cumprimos o nosso dever, — a Província do Paraná cingida de glória, afanar-se há de ter sido o berço dos distinatos e talentosos moços que honram a sua terra natal!

Ponto de Cima, 11 de Janeiro de 89.

Francisco Marques.

### O Dr. Justiniano de Mello

O ilustrado redactor do « Sete de Março » — um homem a quem só faltava mais um pouco de independência de carácter, para ser um genio —, tornou-se nos muito mais sympathico do que antes, pela atitude mais digna que tem assumido ultimamente.

Entre nos, um homem lutar com os seus chefes já é ter coragem. O operoso jornalista declarou a um dos redatores desta folha (não o que escreve estes linhas) que gostou da franqueza com que nos referimos ao « Sete de Março » no nosso ultimo artigo editorial. Dizer isto já é dizer muito, porque é dizer uma cousa que quasi ninguém sabe dizer. A vulgaridade não gosta da franqueza, não tolera que se lhe diga a verdade.

O Dr. Justiniano conhece perfeitamente a sua posição, e lá no interior da sua consciência, elle luta desesperadamente; mas, ca fora, as conveniências o detêm.

Ele é um homem político; mas, não uma máquina como os outros: ainda tem força para reagir contra a prepotência absurdia dos chefes.

Entretanto, desgostou nos profundamente ver o nosso collega chamados de « dignos pontífices e «egregios cidadãos, perante os quais me inclinou respeitoso».

Concordamos que nos partidos hajam cíclios, mas não que um homem deva incluir-se respeitoso perante nenhum pontífice ou «egregio cidadão»; não podemos que um homem se deva humilhar perante cousa alguma.

Os chefes devem ter dignidade para exigir que ninguém se humilhe perante elles, como quem não é chefes de nada para não se humilhar.

Mas, quanto à questão entre os chefes e os «egregios cidadãos» o redactor do « Sete de Março », os estudos do lado deste, é o mais fraco, o mais digno, o mais juizto.

O no « Sete de Março » atrevem-se a desafiar a um pretendido, a um sultão, a uma porta sublime, para um pleito eleitoral! Loucura!

Então não sabem o que é o poder?

Consido da sua força, elle vos responde com o desprezo.

Queríamos ver realizado o pleito para ver o nosso collega vencido e conveniente compreender finalmente que o seu posto de honra não é no seio de um árbitro sem ideias, de um grey em que na caissem sem dignidade, em que ha coides e baross. Ora, conservador!

Pois ha havido conservador em um seculo inteiramente evolutivo?

Os quais votaram «miseria» nezar os nomes de alguns moços de cujos sentimentos e idéas eu formava um juizo tão elevado.

Quanto ao convite da comissão anónima, eu considero o como uma offensa aos bricos dos moços paranaenses, que, se a comissão convidou-os, é que jalgos os capazes de prestar homenagem a um homem anti-progressista, um homem que despreza o povo, um homem que fez da escola, um homem que faz trevas na 89, um homem político, enfim.

Onde está a dignidade, só nisso deve estar o moço.

A meu ver e aos olhos de qualquer homem honesto, aquelle protesto desacredita mais o nosso adiantado Club do que o artigo, sob a epígrafe — Picotagem, publicado em editorial no ultimo numero d'«A Ideia», e que, conforme uma declaração publicada no « Dezenove de Dezembro » de 19 do corrente, deve estar assignado — Um socio — e não os socios do Club.

E agora pergunto vos eu: havia abolido a necessidade de que fizesses aquelle protesto; ficaria acaso em perigo a vossa dignidade, se não o fizesses; haveria por ventura um homem tão baixo que tivesse a coragem de vos perseguir por causa d'aquelle artigo?

Si não, porque o fizeste?

Porque desamparastes assim a um meço, um vosso collega, que fazem aquello, «sem autocracia alguma da casa», porque não podereis baver a vós a nossa idade estar em ferias, mas com a aprovação de alguns de vós mesmos, que, entretanto, quizesse depois aniquilar o com aquelle protesto, julgou interpretar dignamente os sentimentos dos moços?

Queres que vos diga? O que praticastes não é digno de vós, que sois moços!

E, dizendo tudo isto, não quero offender-vos: chamo-vos somente ao cumprimento do vosso dever, mostrando que vos affastastes dele.

Pois porque havemos nós de preocessar vos com essas picotagens, ridiculas, conhecidas pela chapa de espontanea manifestação de apreço, e cuja significação nos conhecemos perfeitamente?

Moços! Cumpramos, com consciencia e dignidade, o nosso dever e deixemos os picoteros que cumpriam a sua triste missão!

Curitiba, 24 de Janeiro de 1889.

José de F. Saldanha Sobrinho.

um album

Rompan serena e rosea a madrugada,  
Qual passar de luz, immenso e louro  
Eos raios pela cima alcantilada  
Batem, como n'um elmo as setas d'ouro.

Tudo sorri. Da nava embellecida  
Aíasse o choro olympico das aves.  
Do espaço, como flor azul pendida  
Evolui se os perfumes mais suaves.

Por toda parte, floridas estemmas;  
A gorta e a luz em preciosas gemmas.  
Transformão se. Divina, embevecida,

Com essa madrugada redemptora,  
Eis tu, oh mocidade sonhadora !  
Eis tu, oh mocidade ! oh forçal ! oh vida !

V. Bento.

## Sciencias e Artes

### A luta pela vida

Um trecho de Aristoteles acerca da luta pela vida :

Na idade media procurava-se a scien-  
cia, não na observação da Natureza, mas  
nas obras de Aristoteles.

E, com efeito, esse grande naturalis-  
ta, pela sua poderosa intuição e sua  
perspectiva extra-ordinária, via uma qual-  
idade enorme de fatos e interpretou os  
admiravelmente.

Eis um trecho onde se encontra já in-  
dicada a luta pela existência, o "survival  
for life" de Darwin ("História dos Ani-  
mais", tradução de Barthélémy Saint  
Hilaire, livro IX, capítulo II, tomo III da  
tradução francesa) :

« Todas as vezes que os animais han-  
tam os mesmos logros, e que procuram  
viver das mesmas substâncias, guerre-  
am-se mutuamente.

Si a alimentação raciona, os animais,  
mesmo os de raça diferente, batem-se  
uns com os outros.

Destra maneira, por exemplo, as plu-  
rias da mesma região fazem entre si uma  
guerra implacável, o macho contra o ma-  
cho, a fêmea a contra a fêmea, até que um  
delas mate o adversário ou seja por elle  
expulsa para bem longe do sítio em que  
se encontra.

Os pequenos animais batem-se in-  
tensamente com igual rúnia. »

Mais adiante, na pagina 143 :

« Eis como os animais estão umas ve-  
zes em paz e outras em guerra, segundo  
as necessidades do alimento e do gênero  
de vida.

Os mais fortes guerriram os mais fra-  
cos e devoraram-los. »

E' interessante comparar estes trechos  
com os de Darwin.

Aristoteles só lhe faltou para ter toda  
a noção da "Sociedade natural" — conhecer  
a transmissão por hereditariedade da  
força superior e do triunfo dos mais  
fortes.

Depois destas considerações que extra-  
hamos dalgumas, aconselhamos o leitor  
curitibano a ler as importantes obras do  
grande e operoso chefe do darwinismo —

o sábio inglez Darwin, das quais ha  
uma coleção completa que conserva se  
inaproveitada, nas estantes da nossa Bi-  
blioteca Pública.

O transformismo ou darwinismo, que  
tanto barulho tem causado no mundo  
científico, ainda não é verdadeiramente  
uma teoria científica, mas uma hypo-  
tese, que talvez a Ciencia, no seu evo-  
luir incessante, venha algum dia a tor-  
nar em evidencia, como é de redondeza  
a Terra, igualmente impugnada pela su-  
perfície e pelo caraterismo nuclear.

Vulgarmente repete-se o darwinismo,  
sem estudo e sem conhecimento, porque  
o homem, no seu orgulho vao, acha mais  
honroso provar do bando da Bíblia, amas-  
sado pelas mãos de Jéhovah, do que eu-  
outror o quadrúmano nas raizes da sua  
irvere genealogia.

Com o fim de concorrer para a des-  
truição dessas ridículas suposições e  
desses preconceitos nascidos da fânta ou  
inistifecção de instrução, encetaremos  
logro uma série de artigos sobre diverso-  
issímplos científicos de importância,  
destinados pri eiapartamento a esclarecer a  
inteligência dos moços.

Curitiba, Janeiro de 89.

SCIENTIFICUS

### Rosa morena

(Ao Azevedo Macedo)

Oh ! Uma rosa morena, que cosa  
íâ exquisita !

Um dia eu vi uma e o meu pobre co-  
ação gestor tanto della que, desde en-  
tão, fui doente... de amor — uma doen-  
ça atroia, mas gostosa.

Ela a palha memma, de olhos pre-  
tos, meigos e brilhantes como duas es-  
trelas do céo, tinha na mão um lindo  
bouquet de rosas de todas as qualidades  
e cores, desde a singela rosa branca dos  
rados ate a mais rata e belha rosa do  
jardim das cidades.

De todas as cores, menos uma rosa  
morena, que ella não podia encontrar  
para pôr no seu bouquet.

Mas, a parda crianciça, de olhos pre-  
tos, meigos e brilhantes como duas es-  
trelas do céo, completava divinamente  
o bouquet : era ella a rosa morena, a  
rosa morena que não podera encon-  
trar em parte alguma.

Um bouquet perfeito, de um go to  
irrepreensivel : rosas de todas as co-  
res, reunidas em bouquet, já se viu ?  
um bouquet sublime !

De instantes a instantes, as petalas de  
todas as outras rosas do bouquet, ao  
impulso suave de um tenro ramimbo da  
haste da rosa morena, tocavam as peta-  
las destas.

Um beijo entre rosas !

E a rosa morena tinha só duas peta-  
las, só duas, mas duas petalas deliciosas.

Ah ! quem me dera ser uma daquel-  
as outras rosas do bouquet, mesmo a  
mais feia !

Ah ! si eu pudesse beijar também as  
petalas da rosa morena !

De repente, a linda rosa morena, em  
quanto beijava as suas irrmãs — as rosas  
de todas as outras cores — entreabindo  
suavemente as suas duas petalas, que  
sobressaliam d'entre todas as outras,  
perguntou-me, com uom voz de anjo :

— Qual é a mais bonita destas rosas ?

E, antes que ella tivesse tempo de  
terminar o beijo, eu respondi :

— A mais linda de todas é essa rosa  
grande, quente, macia, perfumosa, é  
essa rosa exquita, que exalta que  
embriaga, que arrebata e cujas petalas  
em tempos vontade de mastigar nervosa-  
mente para nutrir com o seu suco o  
meu coração seioso, louco de amor,  
essa rosa morena, preciosissima pela  
sua raridade, mas atraente, mais for-  
nosa, mais cheia de perfume do que to-  
das as outras rosas do mundo !

Curitiba, Janeiro de 89.

SALVADOR SOBRINHO.

### A Lady Caroline

(LORD BYRON.)

Julgas q' eu possa ver, sem comover-me,  
os teus olhos, tão bellos, lagrimosos ?  
E que expressivos mas que mil palavras,  
Possa ouvir teus gemidos ameirosos ?

Foi grande o teu pez ! muito choroste  
Vendo assim se quebrar nossa esperança,  
Eu bem sei ; mas ferido gravemente  
Também fui, e não susseme da lembrança.

E quando vinha a magoa ameaçante  
E mudava, sem do, nossa alegria,  
Quando unias nos meus teus doces labios;  
Nosso pranto, n'um só junto corria.

Não sentias o fogo da m'nh'alma,  
Porque o havia extinto o choro teo,  
Si tentavas falar, ento suspiros  
Murmuravas, sômente, o nome meo.

Lamentavas em vão a sorte nossa,  
Querida filha ; em vão choravas tanto !  
Só nos podia ficar triste a lembrança...  
A lembrança - o augumento d'esse pranto.

Ades, inha uma vez, oh minha amada !  
E, podendo, suffoca o sofrimento.

Não mais sonhas porvir felicidades :  
Nossa unica esperança é o esquecimento.

ABAMIS.

**A vida**

Ante o infinito, que de misérias !  
Para que grandeszas ? As grandeszas, do alto da seu trono d'ouro, riem-se das minudencias que se arrastam a seus pés, para beijar-as, e amarrar-lhes vão fazer companhia, amarrarão serão suas irmãs ; as grandeszas vivem sonhando no meio de pompas e, ao acordarem, nada mais são do que minudencias, nada mais são do que o próprio nada, como o orgulhoso jatearia que adormeça e ao acordar-se temer a cor do caminho porque os leões o hajam pintado a carvão.

E o homem atona julga-se alguma coisa, ainda procura engrandecer-se e tem orgulho de existir ! Que illusão !

O homem de baixo da lapide ean lado do seu orgulho, vai ser consumido pela terra em que pisa, como o paladino morto, ao lado de sua espada, e devorado por abutres !

O cemiterio e o campo juncado de cada vez em que os humanos que restam vão apreciar o seu nada.

Oh ! A realidade se percebe através de uma geração colossal, através das grandeszas sepultadas ; percebe-se nas lugubres necrópolis, onde rumorejão as folhas do cipreste, para perturbar o silêncio dos últimos jazigos !

Cruel é a realidade humana !

Na verdade a vida é isto.

E aqueles todos cuja opinião eu sigo quando dizem que a vida é um sonho, que fazem ? Que nos da a entender este pensar ?

— Que elles sonham estar sonhando !

Curitiba, Janeiro de 89.

A. M.

**● Estudante**

(O ensinamento de Leão)

## I

São seis horas, Ben cedo.  
Pipitam os passarinhos.  
O sol penetra nos nichos.  
A Natureza é um folguedo.

Penso o alto arvoredo.  
Rompe a aurora os carinhos.  
Arruam temos pominhos  
Um vespertino segredo.

Treme mormuro, pe to,  
O bosqueto — verde patria —  
Do lyciano do deserto.

E nisto salta do leito  
O bilrote la das bancas,  
Estuda que é dia feito.

## II

Quebra a cabeça, se zanga,  
Assobia-se da ligão ;  
A pagina — grande canga —  
A mira com atenção.

(Filanto, chona-pitanga,  
N' se perde a occasião  
Pra cigarro, doce, manga,  
Ferrar no antigo o rido).

Preparasse o bom rapuz ;  
Gaisa com olhos atenz ;  
Chapau a philosophia ;

Botinas que já são folhas ;  
Lívias de capaz mulhas ;  
Tudo em plena agonia.

## III

Um pouco antes da hora  
P'va aula designada,  
Livre o braço, vai embora,  
Juntar-se à raspadinha.

Que o appellida — caipora,  
Colado, e agronada  
Recebe-lo ; e bento ! fôra !  
Rebrada a canhada.

E elle, bom ja se viu,  
Bela mulher se supõe,  
A todos ja faz p'ra...

Brada : a barra ! ao baptismo !  
Surtia, apertou, descompõe,  
Em seu ingenuo cynismo.

## IV

Fala, escreve a falar ;  
Se n' do papa e do inferno ;  
Discute sobre o eterno ;  
Estuda para avante ir

Tem por culto — o marchar —  
Nas veras nada de hiuverno ;  
Elle, o moço moderno,  
Que odeia o tronco e o altar.

Por que elle ama o sublime ?  
Porque beija a Liberdade  
E abomina o que derme ?

Por afigar um clarão  
Que contenha a imensidão ;  
Tem o — Lávito na mão.

Silvêsto Netto

**Lembretos de nôz**

(A. Carobert Costa)

Sou muito ambicioso, disse he,  
— Oh ! ambicioso ! — fez ella, com  
um gestinho tão extravagante e fitando-me de tal modo que, si o meu dito não  
tivesse sido proposito, eu me arrepen-

denha de tal o pronunciado. Não gosto de gente ambiciosa : antipatizo com esses homens gordos, que erguem um tronco a ambição, mas uma ambição baixa, uma ambição estépida, de domínio indigo, de riquezas inutais. Para mim, todo o ambicioso deve ser gordo, bem gordo, vermelho : não comprehendo um ambicioso um pouco magro, moço, sympathico como o Sr.

— Ah ! continuou, com a sua franziza ingenua, engracada, tentadora, depois de refletir um momento, eu também sou uma ambiciosa !

Mas, a minha ambição é mais elevada, digna ; e a ambição que deve ter todo a donzella — formar uma família feliz, achar um maridinho bom, que me ame e compreenda, a repartir o meu coração entre elle e os meus futuros filhinhos. E não creio que o Sr. possa ter uma ambição menos digna que esta.

— Sim ! A ambição do moço é tudo isto: amar e ser amado, possuir um coração que o comprehenda e ame, uma amiga de mulher que se identifique com a sua.

O meu coração, sobretudo, é sequioso : tem uma necessidade imensa de amar.

Si não existisse na terra esse anjo chamado — a virgem, a Vida seria para mim um mar imenso, falso, em que o coração vogasse, morto, dentro de um bate sem norte.

Eu sou muito ambicioso : tenho uma ambição nervosa, extravagante, eminentemente egoista, de possuir, só para mim, um coraçãozinho quente, são, atraente de mulher formosa.

Curitiba, 89.

SALVANHO SORINHO.

**Lagrima de sangue**

Ha dous de mim uma poesia que não escrevi ainda, que não escreverei jamais : a Ira.

Desde crença era impressionou-me, atraído-me o espírito e n'elle também lancou-me sombras.

Lembro-me das noites sem numero que a contemplei, nas horas que ainda hoje gasto em contempla-la.

E por isso que ando sempre em busca de uma mulher em cuja face haja um ralo de luar.

Uma encantada. Era uma deusa, alegre, como um festim nos campos ; seu riso era como um chocamar de perolas, e ella ria-se desse mundo como eu não as vezes.

E rindo e galhofando e sempre rindo, a deusa da phantastica morte deu-me o coração. Meu poder cora-

ção sangrou e fui lá jorنو, sisinov esse tempo, que escrevo, ou digo, ou viu, tido de uma lâmina de s.s.

PIKRIUA DE INEZEZES.

**Carta ao publico**

Algumas das pessoas que leram o protesto publicado na «Gazeta Paranaense» de 19 de Janeiro, e firmado pela maioria do Club Dr. Pedrosa, necessariamente admiraram-se de não terem de parar com a assignatura do presidente do referido Club. Por isso, vou explicar porque não quis acompanhar os meus colegas nesse acto que lhes garantia o futuro...

Sendo solidário, como redactor desta folha, com as ações censórias feitas em razão da supressão de 168 escolas públicas e em razão das trevas lancadas a 3,000 riscaos futuros, achava-me incompatibilizado para assinar um protesto, contra o ineditorial d'«A Idea», que dizia que a mocidade paranaense não devia prestar homenagem a quem mandava fechar escolas, para, quinze dias mais tarde mandar abrir cadeias...

Si achava-me incompatibilizado como redactor deste periódico, ainda mais me achava como presidente do Club Dr. Pedrosa, porque nessa qualidade devia ser o primeiro a respeitar e fazer cumprir todas as resoluções tomadas pelo Club, porquanto seus estatutos marcam no art. 4 cap. II, como fim do Club, «elevar o nome da instrução do Parana», e não aplaudir, em manifestação, a extinção das Escolas...

Si não podia assinar o referido protesto por ser redactor d'«A Idea» e presidente do Club Dr. Pedrosa, ainda menos o podia fazer porque os seus termos estavam em profunda divergência com o meu modo de pensar.

Amante entusiasmado das causas democráticas que se assentam principalmente na instrução dos povos, uni-me desinteressadamente aos combatentes pela Santa causa da instrução, tão avultada na província em que residiu há tres annos; e si não trepasse na luta é porque, não só via a frente dos batalhadores pelas crianças e pela luz o meu antigo mestre, como tinha desejos de ver num proselito futuro, mais de 3,000 cerebros a pedirem luz, a pedirem liberdade, — não a liberdade de mais, nem a liberdade bem entendida, não a liberdade de mais que produz a anarquia, porém a liberdade que não posterga direitos mas garante-os, e que obra com justiça.

Entretanto, esta carta ao publico não tem sido fornada, si a maioria que assinou o protesto não agradecessem ao convite feito ao Club Dr. Pedrosa pela comissão encarregada dos festejos da manifestação.

Ao receber o referido convite, resolvi não usar de delicadeza respondendo a ele, pelo facto de ter a comissão falhado a delicadeza de assigná-lo, não sabendo eu, portanto, de quem ele partia. Entendui também que, interpretando a meu modo os Estatutos do Club, esta sociedade nada absolutamente tinha, co no não tem, que manifestar publicamente, — em o seu desagrado pelo decreto assassinador da instrução.

Logo, a maioria do Club agradecendo ao convite, agradecendo o talvez inconscientemente tomou atitudes q. não lhe competia.

Esse agradecimento importa n'uma censura ao meu procedimento de não ter agradecido ao convite, e como o protesto achava-se firmado pela maioria do Club, vi que esta sociedade estava em discordância comigo e por isso apresentei-me a devolver ao Club Dr. Pedrosa o cargo de presidente, para o qual elle me elegeu.

Terminando, declaro que o protesto não é digno dos moços que o assignam, e dos quais era de se esperar todo a independência, todo o civismo e dignidade.

**GARRIBO COSTA,**  
Ex-presidente do Club Dr. Pedrosa.

Curitiba, 1 de Fevereiro de 1880.



**Saudade**

(A. AMARO)

Oh! que saudade, morena,  
Daquella tardinha amena  
Em que o futuro vi vir;  
O teu amor de criança  
Era a fonte d'esperança,  
Que me apontava o porvir.

No teu olhar de candura  
Brilhava tanta ventura,  
Que parecia de céu;  
Quando Beijei tuas frances  
Vim a brisa pelas frances  
Perfumar o seio teu.

Passava as tardes contente  
Ouvindo-te a voz ardente  
A mitigar minha dor;

Esquecia meu passado;  
Pois na vida já era amado,  
E tinha no peito amor.

E quando estava dormindo,  
Via-te em sonhos sorrindo  
A me dar teu puro amor,  
E do delírio no pranto  
Ouvia teu doce canto  
Sempre a falar-me de amor,

Mas tudo cedo acabou  
O teu amor já findou-se;  
Só resta, gemendo, o meu!  
Pergunto ao prado e às flores  
A quem tu das teus amores;  
Respondem: — tudo morreu.

Não podem novos amores  
Acabar com tantas dores,  
E ao meu peito alevantar.  
Oh! tudo, tudo se cala!  
Só a tristeza me fala,  
E de ti vem-me lembrar.

Ei! um louco! — amei-te tanto!  
Acreditei no teu pranto,  
Verdade em face dos céus!  
Me prometeste a amizade;  
Mas só me das a saudade,  
Nem mais um riso dos teus!

PORTOS.



**• Castello**

— Que queres tu animar de minha alma?  
— Quero um castello de flores, à beira de um mar d'esmeralda, iluminado por um sol de ouro...

Lá tocarias meus cabellos com violetas; offereceres as tuas delícias os meus labios; entregares-me hei os teus amores... sera tua...

O príncipe assim fez.  
O castello ergue as nuvens suas torres de rosas; ostenta a transparência e beleza de seus muros de aço e ouro; brilha com suas anemones, clematites e camélias.

As ondas verdes onduladas de ouro quebram-se, espumando, sobre a rocha de diamantes em que está esse assentado.

Um sol luminoso e transparente cõa sobre elle o seu pó de ouro.

E os dois amantes ali vivem, servendo na taça do prazer o nectar deliciosissimo volupto...

Com são felizes!

**Servulo Gonçalves.**

## Cartas da Paulicéa

1

### O DR. ASSIS BRAZIL

Começamos a nossa correspondência, contanto ao amigo leitor um laudo interessantíssimo que deu-se em Paranaguá.

Vinham do sul, no «Rio Paranaíba» di versos estudantes, como em todos os portos preparavam-se para qualquer pimentaria, não quereram deixar de honrar o nosso com uma delas, assim finíssima.

Desembarcaram e dirigiram-se ao Hotel Campos, onde avisaram ao proprietário que o distinto chefe republiano, o Dr. Assis Brazil achava se aberto o desejo de comprimentar os seus co-religionários d'ali.

Como era natural, os distinguidos e honrados republicanos de Paranaguá dirigiram-se ao vapor, onde um cadeado eletricamente vestiu os esperou dando vivas ao partido republicano de Paranaguá.

Depois de animada conversação, o magno levantou vivas à Democracia, à República e ao Sr. Campos, com quem conversou com um cara-duríssimo imenso.

O suposto Assis Brazil foi aluno da Escola de tiro do Rio e já esteve em Curitiba no tempo da questão do comércio. Tem um espírito finíssimo e ideias assaz adiantadas.

S. Paulo, 7 de Janeiro de 1889.

FELIX.

### Idyllo

Pensa, minh'alma, pensa o mundo é vasto,  
Bravo o prazer a dor é sempre imensa,  
Também o coração tem o gasto,

Pensa, minh'alma, pensa !

Sonha, minh'alma, sonha ! quem te déra  
Viver sempre feliz, sempre risonha,  
Da mocidade em plena primavera—  
Sonha, minh'alma, sonha !

Canta, minh'alma, canta ! a voz das aves  
Inunda os bosques de harmonia sana !  
Ouve-se em tudo uns rythmos tão suaves !  
Canta, minh'alma, canta !

Voa, minh'alma, voa ! a laz d'aurora  
Vão-se as rolas da mangueira da lagôa.  
Sauda as azas pelo azul afora...  
Voa, minh'alma... voa !

ALEXANDRE FERNANDES.

## Chronica

CIV. OXUOX

Espírito // Para derramar seu espírito, para fazer-se com que muitas lâminas se entrelam um jovial e prazentero sorriso, é necessário verve, e verve é cousa que não anda por aí, aos trambolhões como as espontâneas manifestações do catapulitoes picotem is, nessa explodidamente laicac na temal do pinhão...:

Verve é proprio de almas espirituosas, com reflexos de todas as coes do areo-iris, mas do areo-iris cojo encantado é a mais formidavel garganta e o amarelo amarecidio e o bem visíssimo facero de mogo de bigodes retorcidos e barbas de bicho, co mo a o sympathetic amante da ruivice...

Mas não das neócesses do discurso do Dr. Giestão, — bonito talento, de verbosidade facilíssima, linguagem correcta, feliz em e onipotentes que em brillante conferência nos disse de que província era, que edade tinha, combatente, ao mesmo tempo, o positivismo e dando a Osmar o título dos amigos mineiros e paulistas de — bandeirante, o que fez...;

... com que alguns positivistas lecas sem incomodáculos tão incomodados, que um destes usou dar apertos, mas tão timidos, que mal se comprehendia.

Mas o que não se comprehende é a luta no proprio seio do partido ordenado, e... a muita audácia, digo, paciencia, de leitor benevol que acompanhou ate no fim estas lâminas sem o reflexo do sol vivificante da inspiração, do bom gosto e da inteligencia estas lâminas sem verve, sem a sonoridade da boa garganta, bem trinada, sem harmonia, e sem o deigrado espírito da satyrta que se machuca e alegra.

Isso é que é incompreensivel !!!

TRANSPARENTE

DESCULPAS  
Por diversas causas, independentes da

nossa vontade, deixamos de dar o nosso periódico no dia 1º pelo que pedimos desculpas aos nossos benevolos assignantes leitores, que, entretanto, também ganham com isso, visto como assim podemos dar hoje um suplemento.

### A IDEIA

Resolvemos suspender a remessa deste jornal as pessoas que ainda não pagaram o trimestre passado e que assim nos agradecem a consideração que temos para com elas, enviando-lhes «A Ideia». Essas pessoas não tem razão em commeterem o ato ridículo de, durante um trimestre inteiro, um periódico que precisa do apoio publico, e depois negarem-se, por diversos modos, a pagar as assignaturas que tomaram, pois tem a facilidade de devolver o número de um trimestre, desde que não possam ou não queram assignar.

Howe um que, apesar de termos dado o trabalho de procurar saber onde elle se achava, pois ora estava na capital, ora em Paranaguá, no goso de uma licença, nos mandou dizer, simplesmente, sem rodeios, que não pagava !

Ora, isto desgosta, e, ainda mais, indigna. Outros devolveram o penultimo e o ultimo n.º do trimestre passado, sem nos darem ao menos uma satisfação !

Queríamos, para maior vergonha desses sujeitos, publicar seus nomes, mas como não se deve mexer muito em podrido, calamo-nos.

### CARTA AO PÚBLICO

Perdemos vindo tarde e para não causar transtorno na paginação, não podemos dar na 2ª pagina o artigo firmado pelo nosso collega G. Costa, pelo que esperamos que elle nos desculpare.

### ineditorial

#### DECLARAGÃO

Nós que também assignamos o protesto publicado na «Gazeta Paranaense» de 19 de corrente, vimos declarar que fomos iludidos em a nossa boa fé, porquanto o iniciador do tal protesto cortou, depois de apelhar as nossas assignaturas, alguns topícos que salvavam até certo ponto a dignidade dos signatários do referido protesto; por isso, declararmos sem razão de ser as nossas assignaturas no artigo protesto.

Curitiba, 27 de Janeiro de 1889.

Antônio G. Carneiro,  
Miguel Lino de Azevedo.

Noticiario  
Páxdalivo

